

Barra do Jucu também pede socorro

Texto de Cláudia Feliz
e Rossini Amaral
Fotos de Nestor Muller

A água barrenta, consumida por toda a população, o serviço de transporte coletivo — deficiente e que apresenta a passagem mais cara de todo o município de Vila Velha — a cobrança de ligações interurbanas por parte da Telest para que a comunidade possa se comunicar com bairros próximos, e a instalação de um "lixão", pela prefeitura, nas imediações do balneário, gerando proliferação de moscas, são as principais queixas dos moradores da Barra do Jucu, que reúne uma população de aproximadamente 3 mil habitantes. Mas as reivindicações da comunidade se estendem a outros fatos, como, por exemplo, a implantação do ensino de 2º grau, recuperação do posto de saúde, implantação de policiamento ostensivo pela Polícia Militar, e o funcionamento regular da subdelegacia.



A praia do Peitoril é um dos poucos locais de lazer

As opções de lazer são poucas para a população

A praia do Peitoril é o ponto de encontro dos moradores e visitantes e constitui a área de lazer natural do bairro. Além da praia, restam aos moradores apenas as opções de frequentar a pracinha, localizada na área central, e o campo de futebol, onde o Esporte Clube Barrense é a grande atração.

A noite, a saída para quem não quer ficar em casa limitando-se ao aparelho de TV, são alguns barzinhos e as poucas barraquinhas da praia. Um forró também atrai os aficionados por esse tipo de música. E é só.

Maria Lúcia Valadares, que reside há 37 anos na Barra do Jucu, reclamou do fato de a pracinha não receber os cuidados necessários. A calçada apresenta problemas e não há água para que a grama e as flores sejam regadas.

"A fonte luminosa — contou ela — que atraía a curiosidade de todos por sua beleza, está quebrada. Não sai água da fonte. As pessoas — crianças, em sua maioria — ainda frequentam a praça, mas a falta de cuidados da prefeitura para com o local aborrece a todos".

Transporte é deficiente e caro

Somente dois ônibus atendem a população de Barra do Jucu, que reclama do péssimo serviço prestado pela viação Alvorada. Os problemas começam pelos motoristas da empresa, os quais fazem questão de não ter a menor cordialidade com os passageiros, tratando-os com falta de educação e, algumas vezes, deixando os passageiros nos pontos de embarque.

O transporte coletivo, segundo os moradores, funciona de hora em hora e, conseqüentemente, os ônibus circulam, principalmente pela manhã e à tarde, superlotados. Distante 10 quilômetros de Vitória, é comum moradores do bairro fazerem todo o percurso em pé e com os carros com excesso de lotação de passageiros. Além disso, a linha de Barra do Jucu é a mais cara do município de Vila Velha, o que levou o Centro Comunitário local a ingressar no Detran com um processo requerendo a equiparação da tarifa às demais linhas.

Com o aumento das tarifas do transporte coletivo, a partir de ontem, cada morador de Barra do Jucu passou a pagar Cr\$ 600,00 para deslocar-se até Vitória. Os moradores alegam que a diferença do preço em relação às demais linhas não se justifica, tendo em vista que o valor da passagem nas linhas de Viana e Cariacica é

Atendimento de saúde é muito ruim

O atendimento de saúde da população vem sendo processado nas dependências da sede do Movimento Comunitário, onde os moradores alegam inexistirem condições ideais. A Barra do Jucu fica situada num local distante da sede do município, só dispõe de uma farmácia, e o fato de o ambulatório, da prefeitura não funcionar nos finais de semana e feriados, gera intranquilidade na população.

Os moradores aguardam com expectativa a reforma do posto médico, iniciada e interrompida na administração

Há locais sem luz nem água

Próximo à praia, a Barra do Jucu "ganhou", há pouco mais de dois anos, uma enorme área de invasão, hoje habitada por centenas de famílias carentes. No local, existem ainda dois loteamentos: o Praia da Concha, e um outro, promovido pela Imobiliária Cruz. Mas só parte da região é beneficiada com redes de água e luz. Também não existe uma única rua pavimentada.

Existe, por parte da prefeitura, segundo a entidade dos moradores, a promessa de levar

Moradores querem uma escola de 2º grau

Na área de Educação a reivindicação dos moradores diz respeito à implantação do ensino de 2º grau no bairro. São muitas as pessoas que, diariamente, têm que se deslocar até a sede de Vila Velha, ou então a Itaparica, para chegar às escolas que oferecem esse nível de ensino. Na Barra do Jucu existem dois estabelecimentos, um da rede municipal e outro da rede estadual, mas ambos só oferecem vagas da 1ª à 8ª série do 1º grau.

Na pré-escola o problema está relacionado à falta de espaço físico. As crianças, 40 ao todo, tiveram que deixar as dependências do Movimento Comunitário por falta de condições do local — uma cozinha para o preparo da merenda, por exemplo. Agora elas ocupam um espaço da escola municipal Maria Emelina Mascarenhas Barcellos, mas a comunidade reivindica uma área específica para a pré-escola, que é oferecida pela Legião Brasileira de Assistência (LBA).

A escola municipal, por sua vez, segundo atestam até mesmo alguns de seus alunos, apresenta problemas relacionados ao abastecimento d'água. Ontem, por exemplo, para que a limpeza fosse feita as serventes utilizaram água do poço, a mesma consumida pelos alunos e professores para saciar a sede. Na escola só existem dois filtros, insuficientes para atender aos seus aproximadamente 500 alunos. A água da Cesan, além de ter um aspecto físico desagradável, não tem pressão suficiente para chegar ao estabelecimento e, por isso mesmo, o abastecimento é por demais irregular.

A Maria Emelina Mascarenhas Barcellos, além da falta d'água, também tem problemas na sua estrutura física. Há rachaduras nas paredes e de uma das salas pode-se ver o céu, por falta de uma telha de eternit. A iluminação na região é precária e isso provoca medo nos professores e alunos que a frequentam à noite, no terceiro turno.

Policiamento é uma das reivindicações

Embora seja um bairro onde raramente ocorrem brigas e confusões, os moradores da Barra do Jucu reclamam da total ausência de policiamento nas ruas. Com a chegada do verão, quando a população do local aumenta consideravelmente, eles temem que a falta de segurança concorra para o surgimento de uma onda de violência no local.

Segundo o estudante Fábio Leal Malta, uma radiopatrulha às vezes demora passar pelo bairro até duas semanas. Quando acontece algum crime no local, os moradores enfrentam uma situação dramática. Isso porque, para pedir o auxílio da Polícia é preciso fazer ligação telefônica interurbana, ou seja, pagar para receber o atendimento do serviço.

Fábio Leal Malta explicou que até cinco meses atrás, o serviço policial vinha fun-

cionando no prédio do Centro Comunitário do bairro, de onde foi transferido para um outro imóvel, próximo da praia, onde deveria funcionar a 15ª Subdelegacia Policial. No entanto, confirmando o que disseram os moradores, ontem o serviço não estava funcionando, o que normalmente acontece.

Outro problema relacionado à falta de policiamento no bairro ocorre com o trânsito de veículos. Nos fins de semana, os moradores — principalmente as crianças — correm perigo constante, devido ao excesso de velocidade por parte dos motoristas, notadamente jovens que disputam corridas na avenida Antônio Leão. Exigindo condições de segurança, os moradores querem a presença de um guarda de trânsito ou a instalação de um quebra-molas no local.



GAZETA NOS BAIRROS

APOIO

CAFÉ INUSO
SEMPRE NA HORA CERTA

Caderneta de Poupança
Triplik
Dinheiro tranquilo



O lixão está causando a proliferação de moscas e muitos problemas para a Barra do Jucu

Lixão provoca reclamações e muito protesto

Não há serviço de limpeza pública na Barra do Jucu e a coleta de lixo é promovida pela prefeitura apenas duas vezes por semana. Terras baldias, cobertas pelo mato, são vistos em grande quantidade no local, mas o que vem afligindo os moradores, nos últimos tempos, é o incômodo gerado pela instalação de um "lixão", a dois quilômetros do centro do balneário.

O lixão, asseguram os moradores, gera uma constante proliferação de moscas, que invadem as casas e chegam a espantar fregueses em bares e restaurantes. Ontem, a prefeitura enviou à praça do bairro — onde estavam presentes as equipes de rádio, jornal e televisão da Rede Gazeta de Comunicações, na cobertura do projeto *Gazeta nos Bairros* — o chefe do Departamento de Posturas do órgão, Sebastião Brettas. Ele ouviu todos os tipos de queixas sobre o lixo e assegurou que, nos próximos seis meses, a PMVV já terá adquirido uma usina de lixo e desapropriado uma área para instalar um aterro sanitário. Sobre a limpeza pública, ele assegurou que ela só será retomada durante o verão, irritando dessa

Ligações por telefone são interurbanas

Para falar com qualquer bairro de Vila Velha, os moradores da Barra do Jucu têm que pagar ligações interurbanas, e isso é um dos grandes motivos de insatisfação da comunidade. Há aproximadamente 10 meses a Telest instalou telefones em algumas poucas residências, e o orelhão, que antes atendia a todos — sem a cobrança de interurbano — deixou de beneficiar a comunidade. Agora, para falar através do aparelho, com parentes e amigos, os moradores são obrigados a efetuar ligações a cobrar.

Há dois meses, pela segunda vez, a diretoria do Movimento Comunitário manteve contato com a direção da Telest para solicitar que as ligações na Barra do Jucu voltassem a ser normais. "Do

quilômetros do centro do balneário. O lixão, asseguram os moradores, gera uma constante proliferação de moscas, que invadem as casas e chegam a espantar fregueses em bares e restaurantes. Ontem, a prefeitura enviou à praça do bairro — onde estavam presentes as equipes de rádio, jornal e televisão da Rede Gazeta de Comunicações, na cobertura do projeto **Gazeta nos Bairros** — o chefe do Departamento de Posturas do órgão, Sebastião Brettas. Ele ouviu todos os tipos de queixas sobre o lixo e assegurou que, nos próximos seis meses, a PMVV já terá adquirido uma usina de lixo e desapropriado uma área para instalar um aterro sanitário. Sobre a limpeza pública, ele assegurou que ela só será promovida durante o verão, irritando, dessa forma, os moradores.

LIXÃO

Ao lado de Brettas, o proprietário da área hoje ocupada pelo lixão, Aleixo Peisino, defendia a prefeitura de todas as formas. O lixo beneficia o empresário, que o adquire em grande escala em toda a região da Grande Vitória, industrializando-o. Em sua área há atualmente 400 catadores, a maioria do bairro de Santa Rita, antiga área do lixão.

Na conversa entre moradores e o representante da PMVV — alguns fazendo piadas sobre a quantidade de moscas que hoje habita a Barra do Jucu — muitos acusaram a prefeitura de ter transformado o bairro em depósito de lixo. "Para a Barra estão trazendo apenas problemas, e poucos benefícios", disse o membro do Conselho Fiscal do Movimento Comunitário, Hélio Valadares. Os moradores queixam-se do fato de a prefeitura não lhes ter consultado antes de levar o lixo até as imediações da sede do bairro. "Há dois meses o prefeito prometeu que levaria o lixo para uma área mais distante, mas não cumpriu a promessa", disseram.

Durante a conversa, o proprietário do restaurante Barramar, Antônio Rocha Costa, revelou que teve que instalar telas em todas as janelas do estabelecimento, para evitar que as moscas espantassem sua clientela. "Só tivemos o mesmo problema na administração de Hugo Ronconi, quando ele trouxe o lixo municipal para a Barra. Pedimos e ele nos atendeu, desativando a área de despejo", disse ele, também acusado por Aleixo Peisino de atrair as moscas com o despejo de resíduo de seu restaurante, nas imediações do bairro.

algumas poucas residências, e o orelhão, que antes atendia a todos — sem a cobrança de interurbano — deixou de beneficiar a comunidade. Agora, para falar através do aparelho, com parentes e amigos, os moradores são obrigados a efetuar ligações a cobrar.

Há dois meses, pela segunda vez, a diretoria do Movimento Comunitário manteve contato com a direção da Telest para solicitar que as ligações na Barra do Jucu voltassem a ser normais. "Do orelhão não conseguimos ligar para os serviços 191, 190, e etc., porque não funcionam para nós. E isso passou a acontecer depois que trocaram a nossa linha de 229 para 269", explicou Aerton Vieira. Segundo ele, a diretoria da Telest explicou que o cancelamento da cobrança interurbana "é difícil, mas não impossível".

A solução para o problema, segundo a empresa, só ocorreria com uma determinação superior e, com um pedido da própria prefeitura. "Nós entendemos que, na forma atual, a Telest só tem prejuízos, porque as poucas pessoas que dispõem de telefone quase não fazem ligações", diz ele. Em todo o bairro só existe um orelhão, que só promove ligação a cobrar. Existe também um aparelho "Fale Fácil", no restaurante Barramar. No bar do Rui, onde um outro deve ser instalado neste verão, o proprietário, já prevê o surgimento de problemas. Com muito movimento, ele alega que será quase impossível permanecer ao lado do aparelho para fiscalizar as ligações efetuadas, inclusive, porque é grande o número de turistas.

do nas dependências da sede do Movimento Comunitário, onde os moradores alegam inexistirem condições ideais. A Barra do Jucu fica situada num local distante da sede do município, só dispõe de uma farmácia, e o fato de o ambulatório, da prefeitura não funcionar nos finais de semana e feriados, gera intranquilidade na população.

Os moradores aguardam com expectativa a reforma do posto médico, iniciada e interrompida na administração passada e prometida pela atual, para o período de março a maio deste ano. No dia 27 de setembro, em assembléia geral da comunidade, surgiu nova promessa: a recuperação deve acontecer até o final deste ano.

O presidente do Movimento Comunitário, Aerton Vieira dos Santos, explicou que o Departamento de Medicina Social da Ufes estaria disposto a manter no posto, já recuperado e devidamente equipado, alguns acadêmicos para atender os moradores. Também um profissional de Odontologia, residente no bairro, se mostrou disposto a contribuir gratuitamente.

Longe de hospitais e unidades sanitárias da Secretaria de Saúde, os moradores queixam-se do fato de se verem isolados na Barra do Jucu, com um atendimento de saúde deficiente. Quatro médicos e uma enfermeira trabalham no local, mas não há ambulância e a distribuição de medicamentos, principalmente para a parcela mais carente da população, não é suficiente.

Embora pequeno, o bairro de Barra do Jucu possui nada menos que três pontes, duas delas sem condições de tráfego de veículos e outra com uma só pista de trânsito, permitindo a passagem de apenas um carro por vez. Reclamando dessa situação, os moradores reivindicam providências das autoridades, no sentido de restaurar aquelas passagens, consideradas de muita utilidade para o local.

Construídas em madeira, as duas pontes sem condições de tráfego de veículos dão acesso, por um lado, à "estrada velha" (como é conhecida) e a uma vasta área de praia antes frequentada pelos moradores. De outra parte, a outra ponte — que só permite a passagem de pessoas a pé, sobre três pranchões de madeira — faz a ligação da área central do bairro a um terreno invadido por dezenas de pessoas.

A ponte da estrada antiga deixou de ser utilizada desde a construção da rodovia do Sol. Também em madeira, ela está atualmente completamente destruída, e os pranchões que permitiam a passagem de carros e pedestres estão sendo arrancados. Nessa ponte, há três anos, morreu uma pessoa que caiu na água e outra saiu ferida, devido à precariedade já existente naquela época.

do nas dependências da sede do Movimento Comunitário, onde os moradores alegam inexistirem condições ideais. A Barra do Jucu fica situada num local distante da sede do município, só dispõe de uma farmácia, e o fato de o ambulatório, da prefeitura não funcionar nos finais de semana e feriados, gera intranquilidade na população.

Os moradores aguardam com expectativa a reforma do posto médico, iniciada e interrompida na administração passada e prometida pela atual, para o período de março a maio deste ano. No dia 27 de setembro, em assembléia geral da comunidade, surgiu nova promessa: a recuperação deve acontecer até o final deste ano.

O presidente do Movimento Comunitário, Aerton Vieira dos Santos, explicou que o Departamento de Medicina Social da Ufes estaria disposto a manter no posto, já recuperado e devidamente equipado, alguns acadêmicos para atender os moradores. Também um profissional de Odontologia, residente no bairro, se mostrou disposto a contribuir gratuitamente.

Longe de hospitais e unidades sanitárias da Secretaria de Saúde, os moradores queixam-se do fato de se verem isolados na Barra do Jucu, com um atendimento de saúde deficiente. Quatro médicos e uma enfermeira trabalham no local, mas não há ambulância e a distribuição de medicamentos, principalmente para a parcela mais carente da população, não é suficiente.

mais de dois anos, uma enorme área de invasão, hoje habitada por centenas de famílias carentes. No local, existem ainda dois loteamentos: o Praia da Concha, e um outro, promovido pela Imobiliária Cruz. Mas só parte da região é beneficiada com redes de água e luz. Também não existe uma única rua pavimentada.

Existe, por parte da prefeitura, segundo a entidade dos moradores, a promessa de levar a todos luz elétrica e água. José Carlos Rodrigues, que reside no loteamento Praia de Concha, promovido pela imobiliária Cocal, aguarda com expectativa o cumprimento da promessa. Esta semana a prefeitura mandou máquinas ao local para melhoramento de duas ruas, mas a comunidade quer que os benefícios cheguem logo, de forma completa.

Segundo José Carlos Rodrigues, até o momento só foram beneficiados os moradores que se instalaram no local através de uma invasão, que ocupou todo o terreno que o morador afirma ser de propriedade do ex-governador Elcio Álvares. Também o vice-governador José Moraes, segundo Aerton Vieira, possui uma área na região, já ocupada por uns poucos barracos.

Além das redes de água e luz, não existe na área, conhecida como Barra II, qualquer benefício em termos de rede de esgoto e calçamento. A noite, por falta de iluminação pública, parte da região fica às escuras, levando muita intranquilidade para a comunidade.



Muitos despejam a água servida no meio da rua Cesan promete melhorar a qualidade da água

A qualidade da água que a Cesan fornece aos moradores da Barra do Jucu é a pior possível. Ora de coloração barrenta, ora com excesso de cloro, a água é difícil até mesmo de ser filtrada. Muitos dos moradores preferem comprar o líquido engarrafado para beber a usar a que é distribuída pela Cesan.



Alguns moradores, procurando uma alternativa para ficar livre da péssima água da Cesan, abriram poços artificiais em seus quintais, mas essa medida representa risco à saúde. Segundo Anita Bonadiman Galveas, moradora à rua Antenor Pinto Carneiro, há 10 anos, o lençol d'água "está totalmente contaminado devido a grande quantidade de fossas que foram abertas. Por causa disso, a água que é tirada dos poços também é imprésta-vel".

O sistema de abastecimento de água de Barra do Jucu é dos mais precários. Ele consiste da retirada da água de um poço artesiano, distante dos quilômetros do local, e armazenada num reservatório de capacidade bastante limitada. De acordo com a Cesan, o abastecimento sofre tratamento à base de cloro, embora muito precário. Porém, os moradores não confiam na medida adotada pela empresa e demonstram isso apresentando amostras da água, de coloração muitas das vezes barrenta.

Prevedendo as reclamações contra a péssima qualidade da água, a Cesan antecipou-se em dar suas explicações a respeito do problema, e anunciou para o próximo ano a solução definitiva para o abastecimento de Barra do Jucu. O fornecimento, conforme a empresa, deverá ser feito através do sistema global da Grande Vitória, com a água sendo captada da estação de tratamento de Vale Esperança, através de conexão com a rede existente nas proximidades do conjunto habitacional Araças. A água será levada ao bairro através de tubulações de 200 milímetros de diâmetro e percorrerá 5.750 metros de extensão.

Além do problema da água, os moradores reivindicam a construção no local de rede de

Nem filtro limpa a água
esgotos, serviço completamente inexistente. A totalidade das habitações possui fossas sanitárias, mas muitas dessas já transbordaram, outras recebem apenas os detritos dos banheiros. Devido a isso, são vários os casos de pessoas que lançam na rua a água usada para lavagem de roupas, utensílios domésticos e, inclusive a de banho.

Na rua Vasco Coutinho, que dá acesso a uma área de invasão, há um constante lamaçal, que obriga o desvio do tráfego de veículos para outras vias. O problema é causado, segundo Agrelson Rodrigues da Silva, segundo ele próprio admitiu. "Sou obrigado a lançar na rua a água que uso lá em casa, pois não tenho outra saída. Só vão para a fossa os detritos do banheiro".

Agrelson Rodrigues contou que já pediu providências à Prefeitura de Vila Velha, diversas vezes, mas como resposta só obteve a condição de que para ser feita a rede de esgotos na rua os moradores teriam que participar com 50% dos recursos necessários. "Aqui todos são pobres e não temos como pagar. No orçamento feito pela prefeitura, cada um de nós teria de contribuir com Cr\$ 210 mil. Onde vou arranjar esse dinheiro?"

Situação idêntica enfrenta Antônio Fonseca Rangel, balconista aposentado, morador na rua Agenor Queiroz, nº 13. "Eu não posso jogar a água na fossa e o único jeito tem sido lançá-la na rua, até que a prefeitura decida fazer nossa rede de esgotos".

AVOZ DO POVO NÃO ERRA.

Ao acordar, no trabalho, no lazer, aquecendo o bate papo, ou complementando um bom jantar, todos preferem sempre o Café de sua terra.

CAFÉ CAFUSO
Sempre na hora certa

Faça como todo mundo

Deposite na sua Caderneta de Poupança Triplik. Todo dia é sempre um bom dia para você depositar e ganhar.

